

Sintoma: ruído da *alíngua*¹ no corpo

Silvia Amoedo

“Minha alma tem o peso da luz. Tem o peso da música. Tem o peso da palavra nunca dita, prestes quem sabe a ser dita. Tem o peso de uma lembrança. Tem o peso de uma saudade. Tem o peso de um olhar...”

Clarice Lispector

Pode-se dizer que o sintoma é um ruído da *alíngua* no corpo? Dos casos clínicos oriundos da experiência analítica, Freud extrai o conceito de “sintoma analítico”, desconhecido para o próprio sujeito e que dá corpo ao corpo do ser falante, antes inerte. Como representante de um evento traumático da *alíngua*, de fantasias do paciente, resultantes de coisas ouvidas na infância, o sintoma é um substituto de uma satisfação pulsional. Na formação do sintoma, Lacan dá ênfase às coisas ouvidas antes da aquisição da linguagem, quando a criança ainda não tem acesso ao sentido do significante, e que ele denomina *alíngua*, cuja impressão sobre o corpo deixa vestígio, que ressurgir, do real, como ruído no corpo, anunciando o impossível da relação sexual. O sintoma é um evento corporal, solução para a des/ordem, divisão causada no ser falante pela *alíngua*.

Para a psicanálise, os casos clínicos são imprescindíveis. A palavra “caso” vem do latim *casus*, que quer dizer aquilo que cai. Caso é também acontecimento, eventualidade, casualidade, situação particular, história, aventura amorosa. Do grego *Klein*, a palavra “clínica” significa leito e, na experiência analítica, pode-se dizer, um leito sem barragem, pelo qual correm as palavras que tentam falar da impossibilidade do leito conjugal e do leito eterno, respectivamente a relação sexual e a morte. Inesgotáveis, os casos clínicos de Freud, para todos aqueles que se debruçam sobre a fonte freudiana, continuam jorrando no processo contínuo de criação da psicanálise.

Mas o que se espera do tratamento analítico em relação ao sintoma, já que este é que sustenta, com substância de gozo, o corpo do ser falante? O que se pode escutar, na relação analítica – que dispõe precisamente da linguagem como instrumento –, do eco desse evento corporal constituído de *alíngua*, antes da linguagem? São as pulsões no corpo, segundo Lacan, “o eco do fato de que há um dizer [...] é preciso que o corpo lhe seja sensível”.²

1. No presente texto, adotei a tradução proposta por Jairo Gerbase, “alíngua”, para o neologismo “lalan-gue”, o qual mantém na fala a presença do equívoco, que só a escrita explicita.

2. Lacan,, *O Seminário*, livro 23: *o sintoma* (1975-76/2007, p. 18).

Para abordar essas questões, pretendo, com recortes clínicos, seguir alguns dos rastros deixados no divã. A palavra do analisante é o meio pelo qual a psicanálise opera. É no dito do sujeito, sob transferência, que o inconsciente se atualiza, precisamente quando o sujeito vacila, quando diz ou duvida e, ainda, quando não consegue sequer dizer, como mostra a experiência analítica.

O sujeito A., após ter-se submetido a vários tratamentos de uma dermatite de contato, procura análise quando conclui que o saber médico falhou em seu caso. Sobre o sintoma, ela sabe que se trata de uma reação alérgica da pele quando tem contato com alguma substância. Mas qual substância? A pele coça, formam-se bolhas – que viram feridas –, seca e descama, num ciclo que se repete desde que A. se entende por gente. Ela se queixa: “Isso faz com que eu não trabalhe na minha profissão e não tenha relação sexual com ninguém!” E, coçando a pele, passa a discorrer sobre suas impressões: tinha uma sensação estranha de satisfação, quando criança, ao escutar o ruído das unhas de sua mãe coçando as costas de seu pai. De súbito, ela associa essa lembrança com a satisfação e o ruído que escuta ao coçar as próprias feridas do corpo. Encerro a sessão com a pergunta: “Que ruído é esse no corpo? O que isso quer dizer?”

Em *O aturdido*, Lacan observa: “para que um dito seja verdadeiro, é preciso ainda que se o diga, que haja nele um dizer”.³ O sujeito A. diz que a cena tinha uma conotação sexual, que se expressava nos sussurros que seu pai emitia. “As feridas servem, então, como barreira, para me impedirem de tocar ou ser tocada por outro corpo?” – pergunta. “Isso é uma contradição! Não faz sentido!” – diz, admitindo que gosta muito de tocar e ser tocada. Mas a pele descamada continua a coçar, como se quisesse dizer coisas que não são do sujeito, para cessar a sensação indefinível que o prurido provoca e o conseqüente ruído que causa desordem.

O sujeito B., por sua vez, sofre com desarranjos que o acometem cada vez que é confrontado com uma situação em que tenha de dar prova de sua virilidade. A pre/tensa relação sexual, como diz, configura-se como o maior deles e, só de pensar, a barriga começa a fazer um barulho estranho, ronca sem parar, culminando numa desinteria que o deixa sem consistência. Ele se lembra de que, quando criança, se excitava quando ficava acordado na cama escutando barulhos vindos do quarto dos pais, e só dormia depois de ouvir os roncos do pai, quando se assegurava de que não estava havendo mais relação sexual entre eles. Isso o atordoava. Pontuo: “Sua barriga também ronca!” Como indica Lacan, “só é possível liberar algo do sintoma pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe”.⁴

No processo de associação livre, o sujeito B. deixa entreverem-se alusões às experiências esquecidas. Esse barulho retorna: “Sonhei

3. Lacan., *O aturdido* (1973, p. 449).

4. *O Seminário*, livro 23: *o sintoma*, *op. cit.*, p. 18.

que tinha relações sexuais com uma mulher, uma mulher muda” – relata. Diz que as mulheres, quando falam, o acessam, mas que nenhuma mulher pode acessá-lo por inteiro, senão ele esgarça, como um tecido. E acrescenta: “O melhor encontro sexual é mesmo no silêncio!”. O dito encobre um dizer – o real – que ex-siste no sujeito e que se anuncia assim: não há relação sexual – senão como interdição, no silêncio. Em *Alíngua também é nó*, diz Gerbase: “ainda que se possa representar e discernir os ditos, resta sempre algo que não se representa e que não se diz. A palavra falta e isto é sintoma do real”.⁵

Sintoma do real?! De que se trata? “Sim, quero a palavra última que também é tão primeira, que já se confunde com a parte intangível do real”.⁶ Seguir o fio do discurso analítico, segundo Lacan,⁷ tende para refratar, marcar com uma curvatura própria, a descontinuidade da *alíngua*.

Retorno às fontes freudianas, aos primórdios, quando Freud concebe o sintoma como resultado de uma eventualidade da história, na qual o sujeito era acometido de algo, inassimilável, que lhe vinha de fora – o trauma.

Desconhecidos do próprio sujeito, os sintomas causam sofrimento, ao mesmo tempo que expressam a realização de um desejo, pois resultam de um modo de gozar do sujeito. Em lugar de modificar o mundo externo para a satisfação, a modificação se dá no próprio corpo do sujeito.

Freud⁸ constatou que, em qualquer caso e em qualquer sintoma, chega-se infalivelmente ao campo do gozo sexual. Embora a presença da significação da sexualidade, na etiologia das neuroses, como substituto sexual, já tivesse chamado a atenção de Freud desde as primeiras observações clínicas, naquela ocasião, como ele mesmo disse, ele não tinha ainda aprendido a reconhecê-la como seu destino inexorável, como impossibilidade da relação sexual.

Esse não saber que se revela no sintoma, e em outras formações do inconsciente, conduziu Freud a elaborar a hipótese sobre o inconsciente, que Lacan, em seu retorno a Freud, enunciou como estruturado como uma linguagem. Com a linguagem, como diz Lispector.

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço.⁹

Posteriormente, Lacan¹⁰ acrescenta que o inconsciente é estruturado como uma linguagem nos efeitos de *alíngua*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. O sintoma é um evento no corpo, diz Lacan.¹¹ Para esse autor,

5. Gerbase, *Alíngua também é nó* (2011, p. 65).

6. Lispector, *Água Viva* (1998, p. 12).

7. Lacan, *O Seminário*, livro 20: *mais, ainda* (1972-73/1982, p. 61).

8. Freud, *A etiologia da histeria* (1896/1980, p. 185).

9. Lispector, *A paixão segundo GH* (1999, p. 176).

10. *O Seminário*, livro 20: *mais, ainda*, *op.cit.*, p. 190.

11. Lacan, *Joyce, o sintoma* (1976/2003, p. 565).

há o corpo imaginário, o corpo que encontra unidade com a antecipação da imagem corporal, quando a criança, capturada pelo engodo especular, fabrica fantasias, que vão desde uma imagem despedaçada do corpo até a forma da totalidade deste. Mas é a linguagem que concede ao ser falante um corpo simbólico, esteja ele vivo ou morto. Com a sepultura, da morte emerge o símbolo que preserva o corpo do ser vivente. O simbólico tem, portanto, relação com a permanência de tudo o que é humano e do próprio homem.

Segundo Lacan, “o sintoma, como formação de significante, é uma metáfora, construída como uma frase poética, que vale ao mesmo tempo por seu tom, sua estrutura, seus trocadilhos, seus ritmos, sua sonoridade. Tudo se passa em diversos planos, e tudo é da ordem e do registro da linguagem”.¹² Os sintomas de Dora, caso clínico de Freud, “são elementos significantes, mas na medida em que sob eles corre um significado perpetuamente em movimento, que é a maneira como Dora aí se implica e se interessa”,¹³ observa Lacan.

Sobre a linguagem, diz Lispector: “A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado por meio do fracasso de minha linguagem”.¹⁴ Pode-se dizer que a linguagem toca o gozo – o indizível, o encontro do real –, como mostra o sonho paradigmático do *Homem dos lobos*: “Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. [...] De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. [...] Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei”.¹⁵

Além da sensação duradoura de realidade que o sonho deixou após o despertar, dois fatores foram destacados pelo paciente: o olhar atento dos lobos, como se tivessem fixado toda a atenção sobre ele, e a própria imobilidade dele diante desse olhar. Por trás do conteúdo do sonho existia, provavelmente, uma cena desconhecida, que ocorrera havia muito tempo.

Em *A terceira*, Lacan diz: “o sentido do sintoma é o real, que retorna sempre ao mesmo lugar, que não cessa de se repetir para impedir o andamento das coisas – uma pedra no meio do caminho”.¹⁶ O sintoma segue na contramão do projeto idealizado e exitoso do sucesso, no sentido de todos; por outro lado, no sentido do um, do singular, as coisas caminham de forma satisfatória. Eis a política do sintoma.

A mulher do ruído e o homem do ronco podem ser nomes próprios, respectivamente, dos sujeitos A. e B., nomes de gozo do sintoma, identificadores do ser falante. Ruído e ronco são, assim como lobos, significantes da alíngua.

12. Lacan, *O simbólico, o imaginário e o real* (1953/2005, p. 24).

13. Lacan, *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-57/1995, p. 149).

14. *A paixão segundo GH*, op. cit., p. 176.

15. Freud, *História de uma neurose infantil* (1918 [1914], p. 45).

16. Lacan, *A terceira* (1975/Inédito).

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1896). A etiologia da histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. III.
- FREUD, S. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVII.
- GERBASE, J. Alíngua também é nó. In: *A hipótese lacaniana*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2011.
- LACAN, J. (1953). O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- LACAN, J. (1973). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1975). *A terceira*. Inédito.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LACAN, J. (1976). Joyce, o sintoma. In: *Outros Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Resumo

Pode-se dizer que o sintoma é um ruído da *alíngua* no corpo? Como representante de um evento traumático da alíngua, de fantasias do paciente resultantes de coisas ouvidas na infância, o sintoma é um substituto de uma satisfação pulsional. Mas o que se espera do tratamento analítico em relação ao sintoma, já que este é que sustenta, com substância de gozo, o corpo do ser falante? Para abordar essas questões, pretendo, com recortes clínicos, seguir alguns dos rastros deixados no divã.

Palavras-chave

Sintoma, corpo, linguagem, *alíngua*.

Abstract

Is it possible to say that symptom is a noise of *lalangue* in the body? As a representative of a traumatic event of the *lalangue*, of a patient's fantasies, resulting from things captured in childhood, the symptom is a substitute of an instinctual satisfaction. But what is to expect from the analytical treatment regarding the symptom, since it is this symptom, with substance of pleasure, that sustains the body of the speaking being? To address these questions, through clinical insights, I intend to follow some of the traces left in the divan.

Keywords

Symptom, body, language, *lalangue*.

Recebido

15/02/2011

Aprovado

11/03/2011